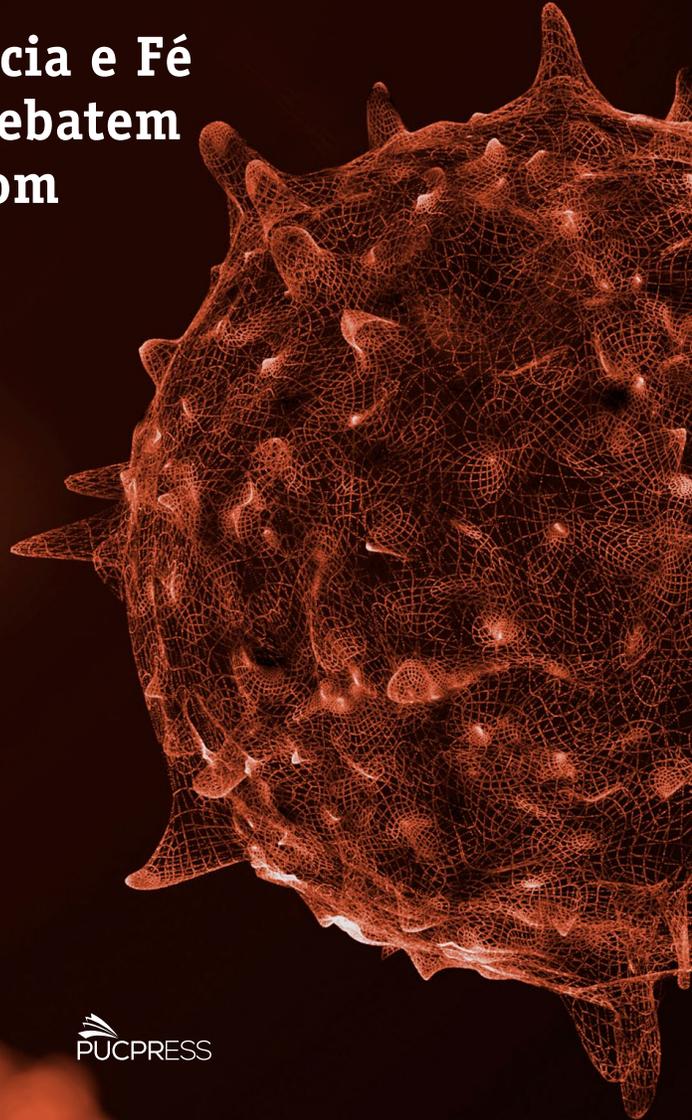


Pensar o (im)pensável

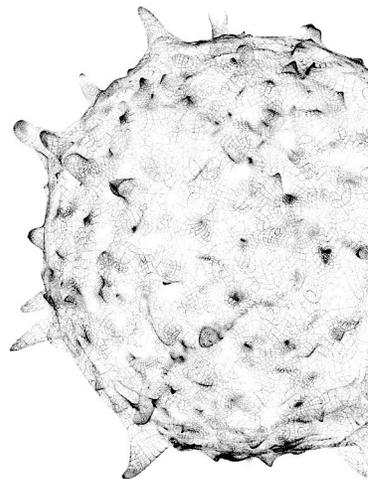
Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Táki Cordás



Pensar o (im)pensável

Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Táki Cordás

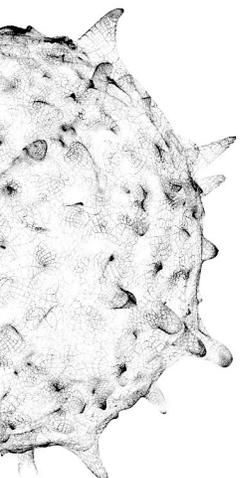
Sob curadoria de
Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo



Táki Athanássios Cordás, médico psiquiatra, professor de Medicina na USP e autor de vários artigos e livros, dentre eles: *A História da Melancolia* e *Personagens ou Pacientes?*

Pensar o (im)pensável: Instituto Ciência e Fé e PUCPRESS debatem a pandemia é uma série de entrevistas que serão realizadas a partir de diferentes perspectivas do saber sobre os impactos da pandemia. A seleção e a organização do conteúdo estão sob curadoria de Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido, do Instituto Ciência e Fé PUCPR, e a edição pela equipe da PUCPRESS. Revisão de texto: Susan Cristine Trevisani dos Reis. Projeto gráfico e diagramação: Rafael Matta Carnasciali.

Maio/2020

Você é médico psiquiatra e deve estar acompanhando os impactos do processo de distanciamento social. É “normal”, nesses períodos, haver um aumento dos casos de transtorno de ansiedade, baixa autoestima e mesmo depressão? Existem dados ou estudos no Brasil que nos indiquem se houve alguma mudança em relação a essa questão?

Em fevereiro de 2020, a prestigiosa *Revista Lancet* publicou uma revisão por Samantha Brooks e colegas do *King's College*, em Londres. Foram avaliados 24 estudos sobre o impacto psicológico da quarentena. Estes estudos foram feitos em 10 países e incluíam epidemias anteriores como SARS, Ebola, H1N1 e outras de 2004 até hoje.

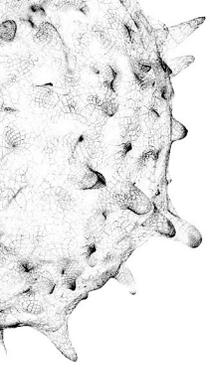
A maioria dos estudos relatou efeitos psicológicos negativos, incluindo sintomas de estresse pós-traumático (posteriormente), confusão e raiva. Os estressores incluíram: maior duração da quarentena, medos de infecção, frustração, tédio, suprimentos inadequados, informações contraditórias por parte das autoridades responsáveis, perda financeira e estigma. Pacientes com quadros psiquiátricos prévios tendem a ter uma piora de seu quadro quando submetidos a situações de estresse, piorando ou desencadeando quadros depressivos, ansiosos, transtorno obsessivo-compulsivo e outros. Não há, nesse sentido, até o momento, dados nacionais.

Qual o papel das Ciências para o conhecimento e o combate da pandemia?

Não há ciência ayurvédica, chinesa, americana, pentecostal ou pós-moderna; a ciência não tem ética ou moral própria e seu uso é, infelizmente, muitas vezes arbitrário e ideológico. Adequadamente respeitada, não vejo nenhuma saída dessa situação sem passar por uma apropriada avaliação científica das formas de transmissão, epidemiologia, aspectos clínicos e terapêuticos. É hora de conseguirmos uma mudança de jogo contra as várias crenças perversas e contra o desprezo que parte da sociedade, por ignorância ou má-fé, tem em relação ao conhecimento científico.

Da cura do vírus à cura do câncer por meio de cultos desonestos; da classe média que não vacina seus filhos e coloca todos em perigo; as ciências precisam marcar seu papel.

Por fim, não acredito em um embate entre economia e ciência, mas, nesse momento, a ciência precisa estar à frente.



Nesse mesmo sentido, como você vê a integração das Ciências com outros saberes?

O longo texto do Relatório do Desenvolvimento Humano de 2019, avaliando as desigualdades de diferentes países, deixa claro que as quatro dimensões do desenvolvimento humano, a saber: a economia (interação das desigualdades com os padrões de crescimento econômico), a sociedade (como as desigualdades afetam a coesão social), a esfera política (as desigualdades influenciam a participação política e o exercício do poder político) e a paz e segurança (como as desigualdades interagem com a violência) não podem ser avaliadas separadamente das políticas de saúde. Nesse sentido, é fácil entender que a saúde não é desvinculada de uma discussão sobre educação, urbanismo, política, sociologia e economia.

Você acredita que o retorno da vida social pós-pandemia será o que entendíamos por “normalidade”?

Espero que não. Que possamos aproveitar o que ocorreu para repensar nossa vida em sociedade, porque o que chamamos “normal” não era normal. Acredito que essa situação deva provocar algumas mudanças políticas e quando digo políticas incluo mudanças nas políticas de saúde. Falando especificamente do Brasil, infelizmente, a maioria dos partidos políticos apresenta maior interesse na perpetuação do poder e manutenção de interesses privados próprios ou de terceiros, que desembocam na corrupção. Tais interesses levaram à exclusão no orçamento das necessidades básicas de saúde, educação, segurança e programas sociais. A Emenda Constitucional (EC) 95/2016, conhecida como a “emenda do fim do mundo” ou “PEC da morte”, aprovada no governo Temer, congelou os gastos com saúde por 20 anos e há pouco o governo realizou manobras para desvincular receitas para a área de saúde pública.

Segundo um estudo da Comissão de Orçamento e Financiamento (COFIN) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), o SUS já perdeu R\$ 20 bilhões de 2016 para cá. A quantia de R\$ 400 bilhões é a estimativa de perda em duas décadas. O justo interesse despertado pela saúde pública, e estamos falando do SUS, inclusive por pessoas que consideram a saúde pública uma “coisa de pobre”, deve, após a pandemia, aumentar a pressão para uma melhora da gestão e dos recursos financeiros, assim espero.

Claro que fora do país há muitas tentativas de antever o que virá depois. Mas, entre o filme *Eu sou a Lenda*, onde um cientista é o único sobrevivente de uma epidemia e um cenário onde ainda teremos em alguns países uma segunda



onda da doença e um isolamento que pode chegar a 1 ano ou mais, tudo é um exercício de futurologia.

Um breve exemplo, li há pouco tempo um reconhecido filósofo internacional dizer que o futuro será o de um grande sistema de saúde em colaboração. O que estamos vendo é o contrário, isto é, a busca de culpabilizar pessoas e países pela doença.

Qual será a “herança” do afastamento social para a questão psíquica do sujeito?

Fala-se já entre os círculos de saúde de uma pandemia de transtornos psiquiátricos durante e após a pandemia. Segundo a Organização Mundial da Saúde, as doenças psiquiátricas respondem por 5 das 10 maiores causas médicas de incapacidade humana, ou seja, dias perdidos de trabalho ou estudo ao longo da vida em função da doença. Essa é uma população extremamente vulnerável diante da situação. O período de quarentena é um fator de estresse importante e que pode agir como desencadeante ou agravante de quadros psiquiátricos pré-existentes, controlados ou não. Pacientes com história de depressão, transtorno bipolar, transtorno obsessivo-compulsivo com rituais de limpeza, transtornos ansiosos, esquizofrenia, transtornos alimentares e dependência de álcool e drogas devem e deverão receber o apoio familiar e a manutenção vigorosa do acompanhamento psiquiátrico e psicológico. Os efeitos psicológicos e psiquiátricos sobre as equipes de saúde também são e serão devastadores – no Brasil certamente mais ainda do que em países desenvolvidos em decorrência da ausência ou inadequação dos equipamentos de proteção. A exaustão, o afastamento social dos colegas e da família (muitas vezes dormindo em hotéis para evitar o risco de contaminação desta), ansiedade, irritabilidade, insônia, redução da concentração e memória, indecisão na tomada de atitudes, deterioração do desempenho profissional, relutância em trabalhar ou pedir afastamento.

Esses profissionais apresentavam até 3 anos depois do término da quarentena um quadro diagnosticado como Estresse Pós-Traumático. Importante esclarecer que o Estresse Pós-Traumático é uma condição psiquiátrica caracterizada por lembranças persistentes, pesadelos ou sensação de que o evento traumático está acontecendo novamente (os chamados “*flashbacks*”); reações físicas como sudorese, náusea e tremores; perda de interesse pelas atividades habituais e quadros depressivos. Estamos muito preocupados com a saúde física de crianças, mas nos esquecemos que uma atenção especial deve e deverá ser dada após o término do isolamento social em função de transtornos psicológicos e psiquiátricos que vem sendo descritos. Entre idosos, há um aumento de eventos cardíacos como hipertensão, infarto, acidentes vasculares cerebrais e diabetes, bem



como depressão, agitação, irritabilidade e descompensação de pacientes com quadros demenciais ou Alzheimer. A violência contra mulheres e crianças certamente aumentou nesse período e isso veremos em breve. Aliás, não sei se tão brevemente, alguns estudos falam de uma segunda onda da doença. A história de que em breve sairemos do risco, segundo os estudiosos do assunto, desafia tudo o que se conhece sobre microbiologia.

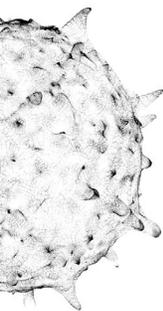
Que sociedade, do ponto de vista humano, podemos esperar pós-pandemia?

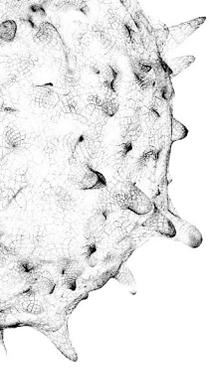
Não acredito em grandes mudanças humanas de forma generalizada; não há portas escancaradas; talvez algumas frestas. Quando perguntaram, na década de 1970, a Mao Tsé-Tung o que ele achava que a Revolução Francesa (1789) tinha mudado no mundo, ele respondeu que era cedo para dizer. Se seremos mais empáticos, o que todo mundo gostaria de ouvir, ou se seremos mais hobbesianos, ou seja, o homem continuará sendo o lobo do homem, são questões irrespondíveis. Acredito que devemos voltar a pensar quando será o fim da pandemia; o tempo de duração será fundamental.

O isolamento social tem nos demonstrado que podemos viver uma vida menos artificiosa e de maior introspecção e autoconhecimento? Que benefícios você enxerga nesse sentido?

Claro que estamos fazendo um recorte de classe média e classe alta. Para usar um oximoro, estamos falando de uma imensa minoria da sociedade brasileira. Mesmo assim, nem todos os indivíduos que estão assim enquadrados valorizam a introspecção e o pensamento filosófico.

Sabemos que os cinco homens mais ricos do Brasil têm riqueza equivalente à metade da população mais pobre do país. Isso me lembra Mario de Andrade dizendo que os ricos do Brasil são tão pobres que só têm dinheiro. No entanto, tenho visto mais gente repensando sua vida; entrando em discussões sobre filosofia e discutindo mais as questões sociais do nosso país. Não acredito, aliás, como os gregos não acreditavam, em mudanças internas sem buscar colaborar com a felicidade dos outros e da *pólis*, sua cidade, seu país. Qualquer mudança que busque unicamente a sua felicidade e de seu círculo íntimo não é uma mudança real, não é uma mudança humanista. Brevemente creio que qualquer mudança neste período passa pela percepção da nossa finitude, da possibilidade da morte e de que a nossa morte pessoal virá, agora ou depois. Que a morte não é apenas uma falta de educação do outro ou uma inconveniência social que me obriga a mudar os planos do meu dia. Que somos frágeis e que dessa fragilidade devemos tirar a nossa força, a nossa revolução interna, a revolução da empatia, do olhar para o outro com mais respeito. Isso pode se dar



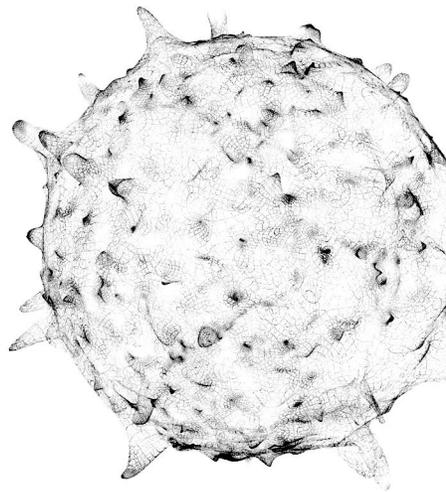
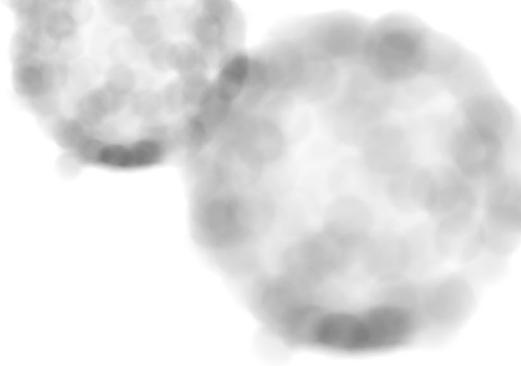


de várias formas: no apoio às questões sociais; numa vida menos capitalista; numa maior participação política; no ingresso em atividades filantrópicas. Vamos ver se isso ocorre.

Em sentido amplo, você acredita que a espiritualidade possa contribuir nesse momento de pandemia?

Sim, acredito que as dimensões física, emocional, social e espiritual interagem. Indivíduos com valores espirituais mais elevados lidam melhor com situações de crise; são mais estoicos; podem apresentar menos risco de ansiedade, depressão e abuso de álcool e drogas. A espiritualidade nos torna mais empáticos com os outros e isso é também um fator plausível de maior proteção às doenças físicas.





Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo